

AS DIMENSÕES ESPIRITUAL E RELIGIOSA DA EXPERIÊNCIA HUMANA: DISTINÇÕES E INTER-RELAÇÕES NA OBRA DE VIKTOR FRANKL

Achilles Gonçalves Coelho Júnior¹

Miguel Mahfoud²

Universidade Federal de Minas Gerais

A partir das contribuições de Viktor Frankl, o artigo discute teoricamente a distinção e as relações entre a dimensão noética (ou espiritual) e a dimensão religiosa da experiência humana. Descrevemos a dimensão noética procurando explicitar suas características essencialmente humanas e suas expressões inconscientes. Analisamos que no fenômeno da consciência moral, o homem considera o caráter transcendente desta - através da intuição - podendo dizer Tu a esta transcendência e constituir um relacionamento que se configura como experiência religiosa.

Descritores: Frankl, Emil Viktor. Dimensão noética. Consciência moral. Experiência religiosa.

O presente artigo baseia-se na obra de Viktor Emil Frankl (1978, 1984, 1989a, 1989b, 1990, 1991, 1993, 1997), psiquiatra e neurologista austríaco, fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, conhecida como Logoterapia. Abordagem considerada fenomenológica, existencialista, humanista e teísta, a Logoterapia propõe uma visão de homem que se dife-

1 Endereço para correspondência: Rua Mariana, 934/A. Bairro Sto. André - Belo Horizonte, MG - CEP 31210-420. Tel: (31) 3421-5467. Fax: (31) 3371-0108. E-mail: recadocoelho@bol.com.br

2 Endereço para correspondência: Caixa Postal 253. Belo Horizonte, MG - CEP 31270-901. Tel: (31) 3499-6291. E-mail: mmahfoud@fafich.ufmg.br

rencia daquelas concepções psicológicas vigentes em sua época (principalmente a partir de 1945) por buscar compreender a existência através dos fenômenos especificamente humanos, identificando sua *dimensão noética ou dimensão espiritual* que, no seu dinamismo próprio, pode chegar a despertar a vivência de uma religiosidade.

Para aquele autor, a experiência humana, essencialmente, está orientada para além de si mesma, para algo ou alguém; considerando ser fundamental “entregar-se o homem a uma obra a que se dedica, a um homem a quem ama, ou a Deus a quem serve.” (Frankl, 1989a, p. 45). Frankl trata também da liberdade diante de uma Providência (Frankl, 1989a), da responsabilidade perante um Outro (Frankl, 1993), da existência em relação “a” e “para” Deus (Frankl, 1978). Contudo, é muito importante ressaltar que em sua obra ele diferencia dimensão espiritual e experiência religiosa, considerando esta última como uma dentre outras manifestações da dimensão noética.

Interessa-nos, neste artigo, evidenciar as distinções e as relações entre a dimensão noética e a religiosidade no pensamento de Viktor Frankl.

1. Dimensão Espiritual ou Noética

Homem e animais são constituídos por uma dimensão biológica, uma dimensão psicológica e uma dimensão social, contudo, o homem se difere deles porque faz parte de seu ser a dimensão noética. Em nenhum momento o homem deixa as demais dimensões, mas a essência de sua existência está na dimensão espiritual. Assim, a existência propriamente humana é existência espiritual. Neste sentido, a dimensão noética é considerada superior às demais, sendo também mais compreensiva porque inclui as dimensões inferiores, sem negá-las - o que garante a totalidade do homem (Frankl, 1989a).

A dimensão espiritual mostra-se, essencialmente, como a dimensão da vivência da liberdade e da responsabilidade. Responsabilidade nada se identifica com um caráter moralista pelo qual o indivíduo se obrigaria a agir de acordo com normas introjetadas, mas caracteriza-se justamente pela capaci-

dade de responder, isto é, pela liberdade atuante no momento em que o homem responde ou se posiciona diante das circunstâncias presentes. Pressupõe “liberdade para” efetivar seu posicionamento no mundo, manifestando, então, a “irrepetibilidade e caráter de algo único” constituinte de cada homem (Frankl, 1989a). Falar de existência, na sua dimensão espiritual, é falar sobretudo do “ser-responsável” e do “ser humano consciente de sua responsabilidade” (Frankl, 1993). Trata-se não da *liberdade de* condições biológicas, psicológicas e sociais - a que todo homem está submetido - mas da *liberdade para* uma tomada de posição diante de todas as circunstâncias, cotidianas ou excepcionais. O homem sempre estará exposto a estímulos e determinações ambientais de diversas ordens, mas essa liberdade refere-se à maneira criativa e própria de cada indivíduo, expressa no momento em que *responde* a eles. Nos campos de concentração nazistas, nos quais foi prisioneiro, Frankl pôde observar bem de perto as diversas maneiras de enfrentar e lidar com aquela circunstância inevitável e com o sofrimento dela decorrente, a que todos estavam submetidos (Frankl, 1997). Naquela situação, cada pessoa posicionava-se de uma maneira diferente: havia quem se jogasse nas cercas eletrificadas, outro se deixava levar pela impotência e, deprimido, adoecia mais facilmente, outro ainda decidia resistir até o fim porque tinha a esperança de que algo o esperava ao sair dali - uma pessoa a amar, uma obra a realizar, um Deus a quem servir. Nesta liberdade de resposta, aqueles prisioneiros colocavam-se diante das situações conferindo sempre a elas um sentido, um motivo ou razão pela qual valesse a pena continuar vivendo. A dimensão espiritual mostra-se, portanto, como uma dimensão não-determinada mas determinante da existência.

É importante ressaltar que não são apenas nos momentos mais difíceis, ou seja, aqueles de sofrimento, que esta afirmação do ser humano - através da liberdade e responsabilidade - encontra um sentido para sua vida. No âmbito da clínica, Frankl (1997, 1989a) observou que outros dois caminhos se apresentam como possibilidade de experiências constitutivas de sentido: o trabalho, onde se cria algo para alguém; e o amor, onde duas pessoas se encontram existencialmente em sua originalidade e insubstituibilidade. Trabalho pode ser experiência de transcendência de si na qual vivencia-se

um valor da própria pessoa ligado à utilidade, podendo chegar a constituir sentido. De maneira semelhante, também o amor possibilita a experiência de transcendência, porém vivida na intersubjetividade: o encontro evidencia o valor do “caráter de algo-único” da(s) pessoa(s).

2. *Inconsciente Noético*

Na obra *A Presença Ignorada de Deus* (Frankl, 1993), onde este tema do inconsciente espiritual ou noético é aprofundado, o autor acrescenta sobre a possibilidade da espiritualidade se manifestar no inconsciente, dizendo “a pessoa profunda, ou seja, o espiritual-existencial em sua dimensão profunda, é sempre inconsciente.” Não se trata de dizer que a espiritualidade é facultativamente, ou às vezes, inconsciente. O que Frankl afirma é que a dimensão espiritual é, obrigatoriamente, ou necessariamente, inconsciente. Ele explica que uma das características mais marcantes desta dimensão é a “autotranscendência,” ou seja, o homem é constituído de uma intencionalidade que o dirige para algo ou alguém fora de si mesmo. Somente por meio desta autotranscendência é que o espírito se realiza, somente na execução de atos espirituais - dirigidos a algo ou alguém - é que o espírito se manifesta verdadeiramente, constituindo-se, assim, como “realidade de execução.” Nesta realidade de execução “a pessoa fica tão absorvida ao executar seus atos espirituais que ela não é passível de reflexão na sua verdadeira essência, ou seja, de maneira alguma ela poderia aparecer na sua reflexão” (Frankl, 1993, p. 23). Isto acontece, por exemplo, quando o pensamento está profundo e totalmente voltado para um ato muito importante a ponto de não caber a ele perceber-se, simultaneamente, pensando totalmente em algo. Portanto, a existência-espiritual é irreflexível por não ser passível de reflexão no momento em que ela está se realizando pela autotranscendência.

Observando alguns fenômenos especificamente humanos através de um processo indutivo, ou melhor, fenomenológico, Frankl chega a conclusões que melhor caracterizam o inconsciente noético. Os fenômenos escolhidos por ele foram a consciência moral, o amor e a arte.

Consideremos o exemplo do fenômeno da consciência moral, definida como a capacidade intuitiva para captar o sentido único possível em cada situação e a partir destes sentidos captados, tomar uma decisão ou estabelecer os julgamentos morais dos atos realizados, o que faz da consciência um “órgão de sentido” (Frankl, 1989a, 1993). No dia a dia, esta consciência moral é conhecida como a “voz da consciência” que sempre nos diz de um caminho a tomar em um momento de decisão, podendo se manifestar como uma orientação em situações de indecisão a respeito de uma ação a ser realizada. A maneira como a consciência moral se manifesta, nestes momentos de decisão, é considerada como “pré-lógica” ou “irracional” pelo fato de não haver ali um raciocínio lógico que anteceda a orientação dada (Frankl, 1993). Outro motivo para esta atuação irracional ou pré-lógica da consciência é o fato de que ela está ligada a “um ser absolutamente individual.” Não se trata de uma antecipação de valores sociais instituídos e introjetados pelo sujeito que impulsionarão uma decisão, mas de identificar valores ligados a uma situação específica e a uma pessoa específica, em que qualquer regra universal fracassaria. Trata-se da consciência moral captar “aquele único necessário” que precisa ser realizado pela pessoa, ficando também claro esta característica de exigir da pessoa uma resposta ao que lhe está sendo proposto, por meio da realização do ato ou atitude revelada.

As características apreendidas pela análise existencial da consciência moral são identificadas, também, nos fenômenos da arte e do amor, originários do inconsciente noético. Considerando esses três fenômenos humanos, Frankl apreendeu e explicitou as características que eles têm em comum, contribuindo para uma melhor compreensão do inconsciente noético e de seu dinamismo atuante no homem.

3. Inconsciente Noético Transcendente

Na busca de compreensão da existência humana, Frankl se deparou com o fato de que a dimensão noética é também inconsciente e manifesta-se através da intuição, para a qual voltamos agora nossa atenção. Para que o

homem siga a intuição é necessário que considere algo em si que lhe diz o que fazer, que considere a voz da consciência moral, percebida por ele como algo que não vem de si mesmo, percebida como algo transcendente, “extra-humano” e capaz de orientá-lo (Frankl, 1993). Frankl acredita que o caráter de “dever” próprio da consciência moral não poderia vir do homem, mas sim da transcendência - algo maior do que ele - por se constituir como uma palavra segura, de “autoridade,” que guia o querer de modo eficaz em direção à realização do sentido de vida. Surge no ser-responsável a necessidade de responder à voz da transcendência, usando a livre vontade, iniciando um relacionamento com o transcendente. Este relacionamento com o transcendente acontece mesmo que não possa ser percebido de maneira consciente, ou seja, é uma ligação intencional com o transcendente ainda que vivida inconscientemente. Assim, o relacionamento com o transcendente revela-se como uma característica humana, ontológica.

A relação com a transcendência pode ser apreendida pelo sujeito, no vivo da experiência, como um diálogo na qual o transcendente é considerado como um “Tu.” Ao homem que vive esta possibilidade, Frankl o chama de *homo religiosus*. Contudo, este relacionamento com o Tu também pode estar oculto para nós, inconsciente ou reprimido, mas todo homem está sujeito a ele enquanto possibilidade humana. Frankl investigou o inconsciente noético, a partir da análise de sonhos e verificou a presença de conteúdos religiosos reprimidos, mesmo em pessoas irreligiosas, percebendo que a religiosidade poderia ser ocultada psicologicamente diante do eu consciente. Estes trabalhos com análise de sonhos confirmaram que pode haver no inconsciente noético uma religiosidade no sentido de um relacionamento inconsciente com o Tu, de uma relação constante com o transcendente, considerada por Frankl como uma “fé inconsciente:”

Pois assim como se necessita de um pouco de coragem (*Mut*) para declarar-se partidário daquilo que se reconheceu, é preciso ter um pouco de humildade (*Demut*) para designá-lo com aquela palavra que os homens vem usando há milênios: a simples palavra “Deus.” (Frankl, 1993, p. 43)

Frankl adverte para alguns cuidados necessários relativos à interpretações errôneas que algumas pessoas podem fazer quanto à teoria que ele está propondo. Falar de um relacionamento inconsciente com Deus ou desta presença divina por detrás da consciência moral, em nenhum momento significa que o inconsciente seja divino ou que Deus esteja “dentro” do homem, preenchendo o seu inconsciente. Também seria um engano acreditar que o nosso inconsciente seja onisciente. Entretanto, o perigo maior que Frankl explica cuidadosamente para que seja evitado, é acreditar que esta relação inconsciente impulse ou force um contato do homem com Deus. Este foi o grande erro de Jung, localizar a religiosidade inconsciente no id e acreditar que não é o eu quem decide por Deus, mas o id. “A verdadeira religiosidade não tem caráter de impulso, mas antes de decisão.” (Frankl, 1993, p. 56).

4. Consciência moral como experiência religiosa

Retomemos o tema da consciência moral, entendida como um fenômeno próprio do homem. A consciência moral, ou melhor, a voz da transcendência, guia o homem em suas respostas às perguntas que a vida lhe faz através de situações concretas. No momento em que responde, o homem pode elaborar a vivência de diálogo com a consciência moral, podendo atribuir a este diálogo uma característica de experiência religiosa.

Considerando psicologicamente, o homem religioso é aquele que, ao atender ao falado, experimenta a vivência de alguém que lhe fala, sendo portanto, por assim dizer, homem de ouvido mais agudo que o homem não religioso: no colóquio com sua consciência - essa conversação mais íntima que se dá a sós consigo mesmo - o seu Deus é o interlocutor que o acompanha. (Frankl, 1989a, p. 97)

O homem religioso é capaz de assumir a sua vida como uma missão a ser cumprida, experienciando a instância de onde a missão lhe vem, e como busca do encontro com esta instância. A vida deixa transparecer nestes homens a presença daquele que lhes confere a missão. Este é o *homo religio-*

sus, o homem que foi capaz - segundo Frankl - de completar a dinâmica ontológica. Nele, ser responsável e ser consciente se dão simultaneamente.

A experiência religiosa, assim caracterizada, é tão importante no caminho da busca do sentido da vida, que Frankl chega a afirmar que o homem irreligioso não foi capaz de dar este último passo - o da experiência religiosa - escolhendo ficar no meio deste caminho. Caminhando rumo ao sentido, o homem irreligioso parou antes do tempo, pois não foi capaz de perguntar para além de sua consciência (Frankl, 1993).

A experiência religiosa, portanto, está inserida na caminhada para uma vida plena de sentido, na qual o homem explora a força de sua dimensão espiritual, permitindo-se ser conduzido por Tu, advertido na dinâmica da própria consciência.

Eis então a relação: porque busca (dimensão espiritual), deixa-se conduzir (dimensão religiosa).

Coelho Junior, A. G., & Mahfoud, M. (2001). The Spiritual and Religious Dimensions of Human Experience: Distinctions and Relations on Viktor Frankl's Work. *Psicologia USP*, 12 (2), 95-103.

Abstract: Starting from Viktor Frankl's contributions, the article concerns, theoretically, about the distinctions and relations between the Noetic Dimension (Spiritual) and the Religious Dimension of human experience. We have described the Noetic Dimension, trying to explain its essentially human characteristics and unconscious expressions. We have remarked that on the moral conscience, man concerns about its transcendent aspect - by intuition - being able to say YOU to this transcendence and to build a relationship which takes the form of a religious experience.

Index terms: Frankl, Emil Viktor. Noetic dimension. Moral conscience. Religious experience.

Referências

- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Frankl, V. E. (1984). *La idea psicologica del hombre* (4ª ed.). Madrid, España: Rialp.
- Frankl, V. E. (1989a). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E. (1989b). *Um sentido para a vida*. São Paulo: Santuário.
- Frankl, V. E. (1990). *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas, SP: Papyrus.
- Frankl, V. E. (1991). *Psicoterapia na prática*. Campinas, SP: Papyrus.
- Frankl, V. E. (1993). *A presença ignorada de Deus* (3ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Frankl, V. E. (1997). *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração* (7ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Recebido em 07.08.2001

Aceito em 05.10.2001